



UNIR O PAÍS PELO FORTALECIMENTO DA DEMOCRACIA

O resultado da eleição presidencial de 2018 mostrou novamente a polarização entre petistas e antipetistas, mas com uma nova configuração. O Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) perdeu protagonismo e viu emergir no seu lugar uma liderança individual que aglutinou diferentes sentimentos: juntou o antipetismo à indignação com a corrupção e com a segurança política e, ainda, ganhou o apoio de grupos minoritários que rechaçam a presença de refugiados, defendem a redução dos direitos das minorias e querem a revisão de políticas de proteção ambiental. Como essa polarização se constituiu? O presente texto aponta uma das possíveis respostas para essa questão.

Desde 2005, com o escândalo do mensalão, a rivalidade política entre Partido dos Trabalhadores (PT) e PSDB, que até então resultava, no máximo, em uma troca de farpas retórica, adquiriu novos contornos e ultrapassou o limite da civilidade. Por um lado, construiu-se um enredo em que pertencer ou simpatizar com o governo petista significava compactuar com desvios éticos; de outro, em que se aliar ao PSDB representava a perspectiva de derrotar o PT.

Esse embate, de natureza moral, caracterizou as eleições de 2010 e 2014. Depois, com a Lava Jato somando-se à alta do desemprego e à queda da renda, o calvário político do PT foi inevitável. Além do *impeachment* de Dilma Rousseff, os petistas não conseguiram manter o prestígio eleitoral: perderam dois terços das prefeituras que administravam (de 638 conquistadas em 2012 para 254 em 2016). Ademais, lideranças do partido acabaram presas após decisões judiciais de casos de corrupção.

Até 2016, o PSDB foi o maior beneficiário da crise ética do petismo. Os tucanos derrotaram o PT na capital paulista em primeiro turno, além de avançarem em cidades paulistas de grande porte, como Santos, Ribeirão Preto, Santo André e São Bernardo do

Campo, interrompendo gestões petistas nessas duas últimas. O PSDB saiu de 695 prefeitos eleitos em 2012 para 803 em 2016, passando a governar 24% da população brasileira.

A derrocada tucana foi iniciada quando o senador Aécio Neves foi flagrado pedindo recursos para Joesley Batista. Com isso, trouxe para o PSDB as mesmas suspeitas dirigidas ao PT desde o mensalão. Outros escândalos no poderoso núcleo paulista também contribuíram para minar a credibilidade do PSDB por parte de parcela do eleitorado brasileiro.

As duas legendas, que vinham polarizando a disputa política nacional desde 1994, foram tragadas por práticas que nos seus nascedouros se propuseram a combater. Esse vazio político produziu uma legião de desencantados com os partidos e acabou sendo ocupado por um discurso moralizador que prometeu regenerar a política e resolver o problema da segurança pública, além de “desideologizar” o país, como se fosse possível uma disputa política democrática fora do campo das ideias.

O grupo político que ascendeu ao poder em 2018 jogou mais desconfiança sobre a política partidária e se fortaleceu nas raías de um antipetismo assustado com a corrupção e tomado pelo medo da violência. Abriu a caixa de pandora que abrigava adeptos de condutas avessas às diversidades e contrárias a avanços no campo da inclusão pela via da política de cotas e transferência de renda forjadas nos governos FHC e consolidadas na era Lula.

Todavia, o novo governo venceu as eleições e tem o consentimento dos governados, como reza a democracia liberal. Dito isto, o momento é de promover o debate de ideias para fortalecer o ambiente democrático. É no campo das ideias que se pode desenvolver o potencial necessário para unir o país em torno de valores comuns, mesmo que as disputas políticas continuem apontando para a permanência do conflito.

É NO DEBATE
DEMOCRÁTICO DAS
IDEIAS QUE SE PODEM
DESCOBRIR VALORES
COMUNS, MESMO COM
A PERMANÊNCIA DO
CONFLITO POLÍTICO.